

MAPUTO: VOZES EM PORTUGUÊS

A questão da saúde mental, tema condutor do Encontro organizado pela SBPRJ em parceria com os profissionais da área e com órgãos públicos de Moçambique, aliados à CPLP, transformou-se em realidade viva ao configurar uma trajetória: chegar a Maputo!



MARIA DO CARMO PALHARES

Foi lá, na capital de Moçambique, que nos encontramos para apresentar, discutir, dialogar com profissionais e estudantes moçambicanos interessados na aproximação de experiências e temas referentes à diversidade do viver e do sofrimento humano. Ao longo desses quatro dias de abril, psicanalistas, artistas, fotógrafos, diretor de cinema, escritores, médicos, advogados envolveram-se e interagiram com participantes estrangeiros e locais através das atividades científicas e culturais oferecidas. Dia após dia, temas e imagens foram adentrando nossa alma e sensibilidade compondo um intercâmbio humano e científico entre brasileiros e moçambicanos, desde a tradição e a contemporaneidade da psicanálise à visão africana de sua medicina tradicional e suas práticas atuais em psicoterapia e medicina. Juntos e entusiasmados, percorremos o tema específico do Simpósio: “Psicanálise

e Cultura, Sexualidade e Agressividade em Nossos Tempos e em Nossas Culturas”.

Originalmente este projeto tem a liderança de Ney Marinho, como nos contou Wania Cidade: “Há 16 anos, Ney Marinho começava a elaborar ideias que pudessem trabalhar a favor da nossa aproximação com o continente africano”. A conquista desta aproximação se fez presente na abertura do Simpósio através da sua fala emocionada e consciente e, também, na expressão de alegria de Anna-Maria Bittencourt, coordenadora científica do Encontro, representando a SBPRJ. Do lado moçambicano, tivemos Bóia Efraime Junior, professor de psicoterapia e traumatologia na Universidade de Moçambique e parceiro na idealização do Encontro, e Lídia Gouveia, psiquiatra, chefe do Programa Nacional Saúde Mental. Líderes que encorparam este projeto desde o primeiro encontro, em 2009, no Rio de Janeiro, e na visita

realizada à SBPRJ, em 2010. Sentíamos, aos poucos, ao lado de vários participantes brasileiros e africanos, as marcas de nossa origem comum, dentro da qual nossas raízes existenciais e históricas compunham uma comunidade humana que merece partilhar um convívio mais próximo e duradouro. À medida que fomos convivendo, um clima de reconhecimento mútuo ia acontecendo espontaneamente, expressado em conversas prolongadas entre palestrantes, professores, expositores e ouvintes de lá e de cá. Era o projeto em expansão viva e real. Agora tínhamos rosto, corpo e alma que podiam se ouvir, discordar, acrescentar, planejar o futuro. Éramos uma realidade não só nos momentos de trabalho, mas também nos momentos de descanso e lazer. Adentrávamos por nossas origens acolhidos por uma comunidade sensível e calorosa. Danças africanas, contos africanos, vozes em português nos revelavam vidas em comum. Na cerimônia de encerramento, com quase todos os participantes presentes, eram visíveis as marcas das raízes que nos uniam nas nossas peles, cabelos, roupas e gestos e chegávamos perto deste passado comum procurando nossas diferenças e semelhanças atuais. Acredito que, para cada um, realizou-se um sonho particular, ao mesmo tempo que, ao longo desta experiência, elos de companheirismo e empatia se consolidaram. Mas com uma ressalva: o anseio era de troca e mutualidade. Ao final de uma das palestras, estudantes moçambicanos combinaram de almoçar. Um deles, disse: “Vamos freudianos, vamos...”. Um outro, respondeu: “Espero que este não seja mais um colonizador”. Lá, em Maputo, e cá, entre nós, passamos a acreditar neste tempo com a sonoridade da Língua Portuguesa, regidos por sentimentos de reciprocidade. Lembrei-me de Mia Couto dizendo: “... sementes a engravidar o tempo”. Vamos confiar e prosseguir!

ENTREVISTA COM NEY MARINHO

3

LEIA SOBRE SESSÃO CLÍNICA DE ABRIL

5

EDITORIAL

Desde nossa última edição, muitas atividades tem movimentado nosso calendário societário. Começando com a excelente palestra de Sergio Almeida, comentada por Carlos Dotin e Marco Antonio Brasil, sobre Identificação e Adaptação, em que aprendemos a respeito dos neurônios espelhos, o período foi extremamente prolífico. Fernando Rocha nos presenteou com um belíssimo caso para nossa sessão clínica, seguido dois dias depois pela atividade entre pares dos membros provisórios que versou sobre a questão da escrita em psicanálise. Isabel Pessoa coordenou a mesa onde Samantha Nigri, Renata Martinelli e Karla Loyo apresentaram trabalhos produzidos no curso "Escrever é preciso..." da Celmy Quilelli. Ao final do período abarcado por este número tivemos também oportunidade de refletir com Cristina Amendoeira sobre a articulação da psicanálise com as questões relacionadas à passagem do tempo e à proximidade do fim da vida, na construção da subjetividade.

Em meio a esses importantes encontros se destaca a ida da nossa incrível caravana a Maputo, capital de Moçambique depois da sua independência em 1976. Capitaneada por Ney Marinho, idealizador desse encontro, o heterogêneo grupo de quase trinta pessoas, composto de psicanalistas, médicos, advogados, artistas e até mesmo diretor de cinema, teve a inusitada oportunidade de descobrir no continente africano o convívio com um povo sofrido e, simultaneamente, ávido por novas informações. Apesar das diferenças culturais e religiosas, a percepção de um enorme anseio de troca, do desejo do saber e de se inserir num mundo mais amplo, de muitos pontos de vista, foi unânime. O acolhimento do nosso corajoso grupo, que se dispôs a este encontro tão longe em terra desconhecida pela maioria, foi muito assinalado, especialmente por Maria do Carmo, em seu artigo, preponderando um sentido de enriquecimento e gratidão pela experiência.

E assim seguimos nosso semestre, lembrando de nossos antepassados africanos e as muitas raízes comuns e aguardando as notícias européias para nosso próximo número, que trará o encontro com a psicanálise dos países de língua francesa, costurando nossos vínculos na aldeia global.

A todos os colegas que contribuíram com depoimentos da suas vivências em Maputo, em especial ao Ney, que nos brindou com uma entrevista esclarecedora, e à Maria do Carmo, que nos enviou o artigo da capa, nossos agradecimentos. E ainda agradecemos a todos os outros colaboradores da matéria do cotidiano e da organização deste número, sem esta ajuda seria impossível publicar.

Monica Aguiar

Programação Científica

Quero iniciar tentando transmitir o impacto vivido por todos, que participaram de nossas atividades científicas, no mês de maio.

A apresentação de Jansy Mello, colega de Brasília, com o seu trabalho "Amor, Transferência e Luto", comentado por Marci Dória Passos, deflagrou um processo de troca que envolveu toda a platéia na evolução das idéias, das lembranças, das evocações da clínica de cada um, tudo temperado pela companhia de autores psicanalistas e de poetas e escritores que se debruçaram sobre as questões do viver humano. Outro ponto alto foi o Psicanálise & Cinema, que recebeu os comentários de Jansy sobre o filme "O Último Lance", baseado em Nabokov, autor que tem merecido sua atenção.

No sábado, 28/05, tivemos a comemoração dos dez anos do projeto Rádio MEC-SBPRJ, com a mesa "Psicanálise, Mídia e Saúde Mental", com apresentações de Cleide Ramos e Marci Dória, e a gravação ao vivo dos dois programas (Escutar e pensar e Perguntar e pensar), seguidos de um delicioso brunch.

Para junho teremos, na quinta-feira 2, Vincenzo Bonaminio com uma conferência clínica, na qual apresentará o trabalho "Transferência antes da transferência". Aproveitaremos sua presença para o coquetel e lançamento de

seu livro "Nas Margens de Mundos Infinitos", que foi traduzido pela Imago Editora.

Na sexta-feira, dia 10/06, às 19 horas, teremos uma Reunião Científica extra, com o lançamento do livro "Bion em Nove Lições" de Luis Cláudio Figueiredo.

O Fórum Livre de Psicanálise com Carlos Doin, será no dia 16/6 (Texto na Biblioteca com Suzy).

Na última quinta-feira, dia 30/06, teremos Maria do Carmo Palhares apresentando seu trabalho, para o II Encontro da SBPRJ com a CPLP, "Como a Psicanálise Pode Contribuir Para a Paz", que despertou um debate importante naquele encontro, realizado em abril passado.

Para finalizar teremos, no Psicanálise & Cinema, na sexta-feira, dia 01/07, a apresentação do filme Alexandria (Agora) de Amenábar, com comentários de nosso amigo Luiz Alberto Oliveira sobre ciência e fundamentalismo. Luiz Alberto é físico, professor de História e de Filosofia da Ciência. A coordenação será de Luiz Fernando Gallego.

Aguardamos a participação de todos!

WILSON AMENDOEIRA

Notas

Psicanálise e Envelhecimento

O horário do grupo de estudos Psicanálise e Envelhecimento mudou para cada segunda sexta-feira do mês, das 8h30 às 10 horas, na nossa Sede (Davi Campista, 80).

Está aberto para novos membros, psicanalistas. É só procurar uma das coordenadoras (Miriam ou Cristina Amendoeira) para contato.

Após um encontro muito produtivo com Daniele Quinodoz no início de maio, daremos continuidade ao tema da solidão e envelhecimento.

A Bibliografia indicada para o encontro de 10 de junho está disponível na biblioteca: COHEN, Norman A. On loneliness and the ageing process. "The International Journal of Psychoanalysis", London, v.63, n.2, p.149-155, 1982.

Exposição África

A exposição das imagens/fotos dos cenários da África e do Encontro Maputo está marcada para o dia 16 de julho, no Largo das Artes.

Congresso de Psiquiatria

O colega Luis Alberto Helsinger apresentou um trabalho intitulado: "Do de menor em tempo toxicomano frente ao de maior em mercado do tempo - exemplo clínico e trabalho com a Família", na mesa redonda sobre Adolescência e Contemporaneidade, dia 03 de junho, no Congresso Mineiro de Psiquiatria, em Belo Horizonte, a convite da Associação Mineira de Psiquiatria.

EXPEDIENTE

CONSELHO DIRETOR 2010-2011

Presidente: Bernard Miodownik Vice-presidente: Luiz Fernando Guedes Gallego Soares

1ª Secretária: Sandra Gonzaga e Silva/ 2ª Secretária: Eliane Cotrim Levcovitz/ 1º Tesoureira: Eunice Raposo de Mello/ 2ª Tesoureira: Maria Lucia Moret de Carvalho/Diretor do Instituto: Celmy Quilelli Correa/ Vice-diretor do Instituto: Simone Grinapel Prais/Secretária do Instituto: Wania Cidade/Diretor do Conselho Científico: Wilson Amendoeira/Secretária do Conselho Científico: Clara Sauberman/Diretora do Conselho Profissional: Marguerite Labrunie/Secretária do Conselho Profissional: Regina Fernandes/Diretora da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Nazli Faraj Sasson/Secretária da Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos: Maria Teresa Silva Lopes/ Deptº de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação Diretora: Monica Aguiar/Secretária: Ana Sabrosa/ Deptº de Difusão da Formação Psicanalítica Diretora: Sônia Eva Tucherman/Secretária: Simone Wenkert Rothstein/Site: Eliane Cotrim e Pedro Zugliani

REVISTA TRIEB

Editores: Aloysio d' Abreu, Maria do Carmo Andrade Palhares e Sherrine Njaine/Assessora Editorial: Munira Aiex Proença

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Monica Aguiar Coeditores: Ana Sabrosa, Lúcia Palazzo e Claudio Frankenthal Consultoria Editorial: Jean Claudio Santana (MT 26263/RJ) Projeto Gráfico e design: Luiz Berri Execução Gráfica: Celyne Alvim

ENTREVISTA COM NEY MARINHO



Intervalo: Do seu ponto de vista, como podemos nos enriquecer a partir do intercâmbio com Maputo?

NM: Este intercâmbio, particularmente nos ter-

mos em que está sendo realizado, isto é, científico cultural, é enriquecedor por uma série de motivos, dos quais vou mencionar apenas três:

A – Qualquer atividade que permita uma abertura para o outro, para outras culturas, outras formas de pensar e ver o mundo propicia o que Kant chamava de o pensamento alargado, condição para o *sensus communis*; o que nos dá o sentimento de pertencer a uma humanidade. O oposto disso, a estreiteza mental, sabemos como psicanalistas estar ligada à crueldade, ao pensamento dogmático, excludente, próprio ao mundo do preconceito. Vale lembrar o belo trabalho de Eric Brenman: *Crueldade e Estreiteza Mental*.

B – A psicanálise tem uma dimensão de pesquisa que lhe é inerente. Lembremo-nos do artigo de Freud para a *Enciclopédia*. Para muitos, e me incluo entre eles, a própria experiência psicanalítica é fundamentalmente uma pesquisa. O trabalho com a CPLP oferece um campo de pesquisa de mão dupla inegotável.

C – O intercâmbio, dado o seu caráter científico cultural, se mostrou no Encontro de Maputo algo extremamente inovador e rico. Refiro-me ao fato de trabalharmos sempre com profissionais de vários campos, no caso: artista plástico, musicoterapeuta, fotógrafo, advogado, médico tradicional (curandeiro), cineastas, escritores, além de psiquiatras, psicanalistas e demais profissionais de saúde mental. Isto ficou bem claro na discussão do filme *Dia Útil* - com o João Roberto Ripper, o Bruno Carvalho e os psicanalistas presentes – sobre a estética, a ética, o direito e a psicanálise das relações de trabalho, no caso, de trabalho escravo. A observação sob vários vértices nos oferece modelos ou configurações insuspeitadas, imprescindíveis para o aprofundamento da investigação psicanalítica. Não tenho dúvida que os

demais profissionais saíram também enriquecidos com este trabalho em conjunto. Recordemos também do depoimento da escritora Paulina Chiziane sobre sua experiência de loucura.

Intervalo: Qual a contribuição que a SBPRJ poderá oferecer ao campo de saúde mental na África?

NM: Tenho fortes motivos para esperar que a SBPRJ possa vir a se tornar um pólo de formação de psicanalistas para o continente africano, particularmente para os países de Língua Portuguesa. Algo semelhante ao que a Faculdade de Medicina do Porto (Portugal), através do excelente trabalho do Prof. Antonio Palha, tem realizado com seus cursos de mestrado em Psiquiatria, formando psiquiatras africanos. De imediato, concordo com a proposta de Pedro Gomes e Gunther Perdigão de sugerir aos colegas moçambicanos a criação de um centro de estudos psicanalíticos, em Maputo, nos moldes do que existe em Salvador (Bahia), ligado à nossa Sociedade. O mais importante, a meu ver, é tornar o intercâmbio uma atividade permanente. Medidas já estão sendo tomadas neste sentido, como a participação dos colegas africanos em nossos congressos de psicanálise, a convite da FEBRAPS.

Intervalo: Como articular psicanálise e medicina tradicional praticada em Moçambique, tendo em vista as diferenças culturais?

NM: Acho que temos muito que aprender com a experiência moçambicana, que já se realiza há alguns anos, de uma relação oficial entre os médicos tradicionais e o Ministério da Saúde. Contudo, não saberia responder quem seriam os interlocutores aqui: os evangélicos? Não sei se é um costume brasileiro a procura de tratamentos espirituais, tal como é a norma em Moçambique. É bom lembrar que em Moçambique, a medicina tradicional não está relacionada a uma determinada religião, é mais uma prática terapêutica tradicional, segundo concluímos – Fernanda e eu – de nossa entrevista com representantes da associação de medicina tradicional de Moçambique, em Nampula (norte de Moçambique). Registramos que o seu presidente é muçulmano e outros curandeiros são de várias seitas cristãs, ficando claro que tal atividade independe da religião do praticante.

Intervalo: Há 16 anos você iniciou

essa aproximação com o continente africano. Como você viveu essa experiência?

NM: A experiência de realização deste intercâmbio, não só com a África, mas também, com Portugal e o Timor-Leste, me despertou uma imensa satisfação, alegria e... perplexidade em muitos momentos. Sinceramente, não esperava viver para ver tudo isso, uma vez que essa luta é muito antiga. É de uma geração que acompanhou Patrice Lumumba, o sofrido processo de descolonização e a frustração das guerras civis nos países recém libertados! Para restringir-me ao nosso ambiente, considero que a participação de Pedro Gomes foi decisiva ao propiciar a realização do I Encontro em 2009 nas comemorações de nosso cinquentenário. Penso que houve um amadurecimento de nossa Sociedade – SBPRJ – e da sociedade brasileira em geral. Há um crescente reconhecimento da dívida que temos em relação à África; uma dívida impagável inclusive por ser fundamentalmente imaterial. É uma situação que evoca a noção de gratidão. Da mesma forma que entendo só ser possível um desenvolvimento do indivíduo, afetivo e intelectual, quando há a experiência de gratidão, compaixão e consideração por si mesmo e pelo outro - algo análogo vejo em relação às nações. Com isto não quero dizer que as nações desejem se desenvolver. Vejo nossa proposta, e assim senti também por parte dos colegas que foram a Maputo, como um trabalho em conjunto, uma via de mão dupla, onde não estamos fazendo favor algum, estamos usufruindo um convívio que nos foi negado por alguns séculos. Não levamos receitas nem deveres de casa, como neocolonizadores, mas sim, o sonho de Agostinho Silva e José Aparício de construir uma comunidade fraterna, como bem lembrou Alberto da Costa e Silva, construída na amizade. Um sentimento talvez esclarecedor: aos poucos fui me sentindo em casa, em Maputo. Não como um conquistador, mas como um hóspede, tal como fui recebido pela família alargada da Lidia Gouveia, tipicamente africana, comemorando um almoço de Páscoa, em que Fernanda e eu matamos um pouco da saudade dos que ficamos, no meio de tantas crianças, jovens e velhos que nos receberam com muito carinho. Um reencontro!

Nau da Esperança - Apresentando a Caravana

“Queridos amigos, o sentimento é que realizamos algo importante! Um intercâmbio científico-cultural e, sobretudo, fraterno com os nossos irmãos africanos. Dobramos o cabo da boa esperança! **Fernanda e Ney Marinho (pela Comissão de Intercâmbio SBPRJ-CPLP)**

Foi a segunda vez que estive em Maputo, e a cada vez que vou, sou tomado de um sentimento e de uma responsabilidade de ter que retribuir o que os irmãos africanos fizeram por nós. **Pedro Gomes**

Parafrazeando James Joyce, em Maputo a História é um pesadelo do qual alguns têm conseguido acordar. Lá encontramos muitos desses “alguns” que com afeto, curiosidade e coragem para a abertura ao novo, tecem o despertar com fios de esperança. **Bernard Miodownik**

Foi uma experiência inesquecível! Impressionou-me o modo pelo qual o povo consegue compatibilizar duas diferentes culturas. Quando alguém adoece, visitam a ambos, o curandeiro e o médico. Igualmente impactou-me o empenho dos jovens moçambicanos em apreender o “approach” aos problemas de natureza mental. **Gunther Perdigão, Secretário Geral da IPA**

Reencontrar a África faz transbordar emoções! É toda uma saudade de uma cultura ancestral renegada que fomos mitigar na “Mama África”. Como bons lunáticos que somos, já que “cravamos uma lança na lua”, resta-nos continuar sonhando o sonho daqueles que, como Ney e Fernanda Marinho, Pedro Gomes e muitos outros, capitanearam esta nau da esperança, não mais do degrado. **Celmy Arraripe Correa**

“Um povo não se despede da sua história!”, frase emocionante em um muro de Maputo. Este Encontro foi um sonho compartilhado em cada gesto, em cada movimento, em cada palavra, em cada pensamento enunciado, e em cada imagem refletida, entrelaçando as diferenças na irmandade da língua. Muito obrigada, Khanimanbo, Inkomu, aos irmãos africanos. **Lúcia Palazzo**

Grandes expectativas! Desencontros, estranhamentos, frustrações, afinidades, familiaridades, fraternidade. Grande encontro – rico e fértil. Inesquecível. Gratidão. Novas expectativas. **Tânia Bastos**

A experiência africana estabeleceu novos laços, fortaleceu afetos e ampliou horizontes pensantes. Tudo de bom! Vamos prosseguir. **Marci Doria**

Sinto que estamos descobrindo um imenso mundo que fala a nossa língua, no sentido literal e, também, no sentido figurado. As trocas, os desejos e a generosidade de parte a parte iniciaram um caminho de mão dupla sem fronteiras. **Caique Botkay, produtor cultural**

Re-descobrimo a África, agora como experiência emocional, através de todos os nossos órgãos de sentido, que nos permitiram descobrir em nós as africanices, e no povo de lá, as brasileirices. Semamos algo e agora é o momento da reflexão e da espera do que possa germinar. **Jane Kezem**

Foi uma experiência e tanto! O contato com esse povo sofrido e a fraternidade apesar do sofrimento foi o que me marcou. Tudo muito rico! **Marguerite Labrunie** A marca de Maputo foi a surpresa com um país

a ser re ou construído, avassalado pelo impulso sexual incontido, a violência da figura de pai, o risco pelo futuro incerto e a presença de forças criativas, uma nova geração moçambicana e de várias nações num esforço comovente e pujante de reparação. **Miguel Sayad**

O que ficou para mim deste encontro foi uma grande expectativa do que vamos poder oferecer a este povo sofrido, mas com muita vontade de sair do lugar. Espero que nossos ecos tenham pertinência e se transformem em algo verdadeiramente substancial para nós e eles. **Maria Teresa Lopes**

Olhar o mar com a beleza de seu azul, escondendo o sangue derramado deste povo tão sofrido, descobrir suas tradições, cores e odores novos para mim, surpresas ao lidar com pessoas tão interessadas e sensíveis, acolhendo-nos com carinho e muito desejo pelo saber. Maputo foi para mim um marco e uma marca, pois retoma meu desejo pelo que há de mais belo no “humano”, a descoberta da diferenciação no igual. **Ceci Lohmann**

Voltei com o coração em dor das coisas que vi e ouvi. As lágrimas de Delfina, a dor na sua voz trêmula, se tornaram minhas lágrimas e minha dor, por ela e por todas as outras delfinas, herdeiras de Moçambique, que sofrem sem ainda possuir voz para chorar. Vi muitos chorarem o nome perdido, relatando do incômodo dos nomes portugueses, que retiravam de si assim que chegavam em casa, como uma roupa que não lhes cabia. Voltei mas continuo sentada embaixo da grande frangipani que chora suas folhas caídas e sombra perdida. **Lena Bergstein, artista plástica**

Uma semana na África. Um país. Um continente. Fragmentos de sensações. Sons. Cores. Cheiros. Sabores. Sorrisos brancos em caras pretas. Tão estranho e tão familiar! Esse lugar tão distante passa a existir na minha vida obrigando rever toda a própria história. **Maria Cristina Amendoreira**

Muito me orgulho de ter participado dessa aventura, agradeço a oportunidade (dos daqui e dos de lá), pois nunca tinha imaginado ser possível chegar do lado de lá do “rio” Atlântico. **Maria Teresa Rocha**

Foi uma experiência única de encontro com uma sociedade ainda traumatizada pelas guerras, que luta para se reconstruir. Foi uma troca riquíssima e um aprendizado de humildade e respeito pelo outro, pelo diferente. **Carla Penna, psicanalista CPRJ**

Fica uma sensação de alegria e expectativa. Foi muito bom ver tanto envolvimento. Será infinitamente melhor se os desdobramentos acontecerem. **João Roberto Ripper, fotógrafo**

Dobramos o cabo das tormentas, da guerra, da crueldade para encontrar uma comunidade sofrida que se revigora na esperança de um futuro humanizador. **Maria do Carmo Palhares**

Em minha apresentação falei sobre o ensino médico no Brasil. Ressaltei o fato de que o primeiro presidente e um dos fundadores da Academia Nacional de Medicina foi um médico de família negra já formado no Brasil. A UERJ foi pioneira no Brasil no estabelecimento de cotas para estudantes negros ou pardos o que sempre defendi, e que é uma tentativa de reparar a injustiça histórica para com a população negra em nosso país. **Karlos Mesquita, médico**

Em Maputo me deparei mais de perto com a crueldade que constitui o humano. Remeto os colegas ao Sonho do bedouiro-de-maio. A deparação gerou questões relativas à crueldade propriamente dita, porém circunscrita pelos aspectos culturais e sobre civilização e barbárie, no sentido de “quem é o civilizado?”, “quem é o bárbaro?”, “quem é o primitivo?”. O contato e o acolhimento com que fui tratada por profissionais que não me conheciam foi revelador para mim. Numa palavra: muito obrigada! **Ana Jaques, psicanalista Corpo Freudiano**

O encontro em Maputo me comoveu como poucos eventos o fizeram! Por fazer parte de um intercâmbio, antes impossível, na África, por estar num país tão longe que fala português como nós, inclusive com expressões conhecidas e humor parecido, o que nos faz sentir um pouco em casa; por ver o interesse em aprender dos estudantes de lá e por ver um país se reconstruir depois de uma terrível guerra. **Viviane Frankenthal**

Estamos na história, somos também descobridores de terras novas, de um povo e sua cultura, então escolhi um trecho do poema de Tânia Tomé, “Meu Moçambique”:

“.. Eu sei-me Moçambique,
no cume das árvores, na sede incontinente
da minha falange, do Rovuma ao Incomati,
no xigubo terrestre dos pés descalços
e em todos os tambores que surdem
das mãos coloridas nos braços em chaga.” **Eloá**

Bittencourt

Impressionou-me a força e a dignidade dos nossos colegas moçambicanos. **Eliane Pessoa**

Em Maputo tive chance de caminhar longamente e contactar com a população pobre de rua e conversar com alguns deles. Era com orgulho que alguns me falavam dos seus heróis, principalmente do Samora Machel. Quanto ao Encontro, tive chance de conviver com jovens, já com algum conhecimento de Teoria Psicanalítica, e sequeiros de conhecimento. Senti-me enriquecido com a experiência. Apreendi muito com estes irmãos moçambicanos. **José Hamilton Farias**

O Encontro em Maputo – Moçambique - foi também um reencontro com a África, mais especificamente com a cultura negra que banhou minha infância baiana. Tal viagem, afetiva e emotiva às origens, veio acompanhada da grande admiração pelos jovens moçambicanos que enfrentam, de modo tenaz e criativo, os grandes desafios que a saúde mental e a educação apresentam. **Anna-Maria Bittencourt**

Ainda participaram da caravana: Bruno Vaz (advogado) e Leonardo Francischelli (presidente FEBRAPS).

JOÃO ROBERTO RIPPER



Sessão CLÍNICA

CRISTINA AMENDOEIRA

A apresentação da sessão clínica, na noite de 7 de abril, foi centrada no material de sessões e comentários acerca da demanda inconsciente que levou Marcel a procurar análise. Houve uma rica reflexão sobre os recursos que, através da psicanálise, podem surgir e auxiliar na elaboração psíquica. Um álbum de retratos da infância, por exemplo, é recuperado e como uma janela aberta aciona para dentro, para o passado, para o pai perdido no tempo. Outro exemplo é o uso da música como comunicação. Com ela, segue-se um trabalho analítico dos sentimentos de exclusão, menos valia, e outras situações edípicas revividas com o analista. É revista a imagem de uma mãe primitiva, invasora que no decorrer da análise, vai ocupando seu lugar na história de Marcel.

E aí, a conversa segue sobre o difícil trabalho de Fernando – e de todos os analistas – que, muitas vezes, teve de decidir entre falar sobre o que compreendia transferencialmente ou se calar e, permitir o fluxo associativo, inconsciente que se estabeleceu ao longo de várias sessões.

Também, nesta apresentação de caso, pudemos observar a importância do surgimento do sonho em análise e de suas

A sessão clínica de Marcel que, em busca do pai perdido, encontra Fernando Rocha para iniciar uma viagem para dentro de si, à procura de sua própria identidade para ser ele mesmo e se tornar bem sucedido, precisaria de uma conversa e um encontro numa língua comum com o pai.



Fernando Rocha e Clara Sauberman

possibilidades de reflexão. E, principalmente, a recuperação de memórias esquecidas - as coisas vão acontecendo, emergindo no devido momento. Fatos e situações clínicas que servem para ressaltar as diferenças marcantes entre uma entrevista, entre um contato psiquiátrico e o psicanalítico. A história de Marcel foi surgindo no decorrer das sessões e pode ser recontada até o último segundo da última sessão de análise. Uma noite de êxito.

Atividade entre Pares



Isabel Pessoa, Samantha Nigri, Renata Martinelli e Karla Loyo

Na manhã de sábado de 09 de abril, foi realizada a nossa querida atividade entre pares. Karla Loyo, Renata Martinelli e Samantha Nigri apresentaram seus trabalhos produzidos no curso “Escrever é preciso...” coordenado com maestria pela Dra. Celmy Quilelli. Karla, em seu trabalho, relatou que as discussões realizadas no curso a ajudaram no reconhecimento e pode, assim, encontrar

no artigo de José Castello “Nabokov em seu bidê”, acolhimento tanto para o seu incômodo - referindo-se à fidedignidade do relato dos seus encontros com os seus pacientes-, quanto à impossibilidade de dar conta de todos os possíveis aspectos de um determinado caso. Ela nos falou, também, dos diversos lugares que percorreu ao escrever o seu trabalho, além do curso de escrita. Relembrou, entre

eles, a experiência de escrever sobre sua análise pessoal, nos modelos I e II, de ser “uma analisanda fazendo a análise da própria análise”. Já Samantha nos contou sobre a possibilidade de poder, através da escrita, entregar-se sem receio, ou ao menos, com menor receio de mostrar nossas ideias e com elas, expor de alguma maneira, o recôndito das moções que encontramos ao nos aventurarmos num tratamento psicanalítico. Ao final, ela ilustrou suas ideias com uma conversa que surgiu entre duas crianças a partir da música “Oito anos”, interpretada pela cantora Adriana Calcanhotto. Na plateia, tivemos a presença e participação de membros da nossa Sociedade. Destaco os colegas Carlos Pires Leal e Sergio Antônio Belmont, porque foram gentis colaboradores do curso e Sherrine Njaine, por seu depoimento emocionante sobre escrita, reescrita, luto e saudade.

Maysa Balduino

A Eficácia da Psicanálise ao Lidar com as Questões do Envelhecimento

Compartilhar com vocês as minhas impressões da sólida e enriquecedora apresentação de Maria Cristina Amendoeira em relação ao tema: Corpo – Tempo – Envelhecimento, apresentado na última reunião científica é uma satisfação.

Neste trabalho, estavam presentes temas como a solidão, a morte e o ato de morrer, questões que permanecem tabus nas sociedades contemporâneas. Daí, a importância de se compreender melhor a experiência da passagem do tempo e proximidade da morte na construção da subjetividade.

Cristina abordou o tema através dos textos de Freud, principalmente, os de sua correspondência. Ela cita alguns autores contemporâneos tra-

zendo o cinema, através de Bergman e a literatura através de Coetzee, escritor sul africano, intercalando nesta exposição sua própria experiência clínica.

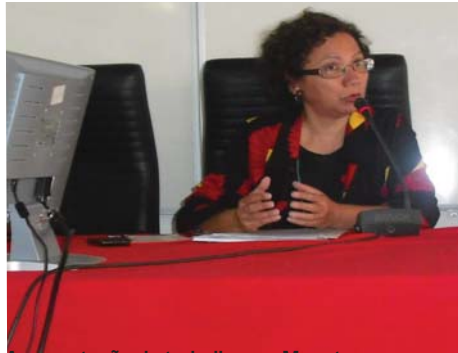
Ela encerra citando uma carta de Freud a Ernst e Lucie Freud.

“A agitação destes últimos tempos foi grande; não sabia que quanto mais velhos nos tornamos, mais coisas temos que fazer. A idéia de uma velhice tranquila me parece tão lendária quanto a de uma mocidade feliz...”

Carta de 20 de dezembro de 1921: Por que entristecer-se? É a vida.

É precisamente sua natureza eternamente fugaz que constitui a beleza da vida.

Miriam F. Fainguelernt



Apresentação de trabalho em Maputo

CAFÉ LITERÁRIO

Sandra Gonzaga e Silva

Esta primeira comunicação de 2011 encontra o ano já em sua metade. Novo Conselho Diretor, novas atribuições, adaptações. Mudanças e permanências, diálogo fundamental para a vitalidade institucional.

Recomeçamos a atividade do “bom e velho” Café Literário em março e permanecemos às 2^{as} sextas de cada mês às 17 horas. Para quem tem a possibilidade de sair mais cedo do consultório eu garanto que vale a pena enfrentar o cansaço, adiar

um pouco a subida pra serra (ou para o mar) e começar bem o fim de semana em nossa happy hour literária. Os membros provisórios e demais colegas, alunos ou professores dos cursos que acontecem às sextas feiras e que já se encontram na sociedade, também podem dar uma olhada.

Para quem está chegando agora fica o convite. A idéia dos encontros é proporcionar um ambiente de descontração e bate papo em torno da boa



leitura. Não há tema prévio, nem obrigação de trazer material. Tem dado certo. Estamos comemorando 5 anos de boas conversas.

Notícias do site

www.sbprj.org.br

Como já é conceito conhecido, a informática se desenvolve aceleradamente e, nesse momento, sentimos necessidade de uma atualização do nosso site que nos representa no mundo virtual. São várias as suas funções. É nosso cartão de visita que pode informar, instruir e divertir.

Estamos com a preocupação de manter nosso conteú-

do, material precioso, de uma forma clara e dinâmica, de fácil acesso e navegação, na tentativa de alimentar visitantes, iniciados ou não, com a psicanálise de nossos tempos. Para isso contamos primeiro com a paciência de todos vocês, porque estamos “em reforma” e, por isso, causando alguns transtornos. Depois estaremos abertos à sugestões

e desejos, além de contar com a participação de todos para a ilustração de nossa produção doméstica e informações que possam ser úteis ao melhor exercício de nossa atividade psicanalítica.

O site é para nós e para o mundo!

Aguardem só mais um pouquinho.

Eliane Cotrim

DIVAGAR É PRECISO

O Visconde Partido ao Meio

Esta resenha será muito breve, pois o livro é também muito pequeno.

Trata-se do relato do sobrinho sobre a vida de seu tio, Visconde Nedrado di Terralba, que atendendo ao pedido de um parente, vai participar de uma guerra, quando é atingido por um tiro de canhão e perde metade de seu corpo.

Volta depois da guerra para sua cidade natal, e sua atitude mostra que perdera toda a metade boa de seu corpo.

Em função disto passa a ser uma figura temida e odiada por todos os habitantes da Aldeia, que era composta não só pela majestosa propriedade do Visconde, mas por muitos outros habitantes que viviam num leprosário, um grupo de judeus, alguns agricultores, além de um médico inglês que vivia mais interessado num fogos-fátuos, do que nos saberes da medicina. No final da história ele terá também muita importância na vida do Visconde.

Depois de algum tempo a outra metade do Visconde aparece em cena e era a metade boa. As duas metades não se entendem e acabam lutando uma contra a outra.

Metaforicamente, fica mais parecido com o que acontece em todos os homens.

JOSÉ CÂNDIDO BASTOS



FICHA TÉCNICA

Título: O VISCONDE PARTIDO AO MEIO

Autor: Italo Calvino

95 páginas

Editora: Companhia de Bolso